

O presente trabalho, fruto de um estudo ainda em estágio inicial, procura analisar como o “novo”, assim considerado pela ocorrência da expansão nas terras *d’alem mar*, é colocado nas narrativas da proposta historiográfica das academias surgidas no século XVIII na América Portuguesa. Para tal, dispõe-se do exame a partir da obra do acadêmico Brito e Figueiredo – membro da academia fundada na província da Bahia em 1724, a qual recebe o nome de Academia Brasílica dos Esquecidos – que dissertou acerca da história natural destas terras. Neste texto observou-se a utilização da categoria de Providência atrelada às descobertas e conquistas do Império Português como demonstração de acaso e de glória luzitana nas navegações. Esse aspecto religioso também não se desliga da descrição dos dotes naturais encontrados nesta extensão do império, sendo qualificados como enigmas impenetráveis. Seguindo seu modo representativo nota-se caracterização da suposta superioridade das narrativas de origem católica sobre as indígenas; talvez se aproximando novamente de uma perspectiva de incompreensão do outro ou incomensurabilidade do novo, a medida que não parece possuir condições de realizar algo contrário a essas últimas problemáticas.